NEVROSE NOCTURNA

GOMES LEAL

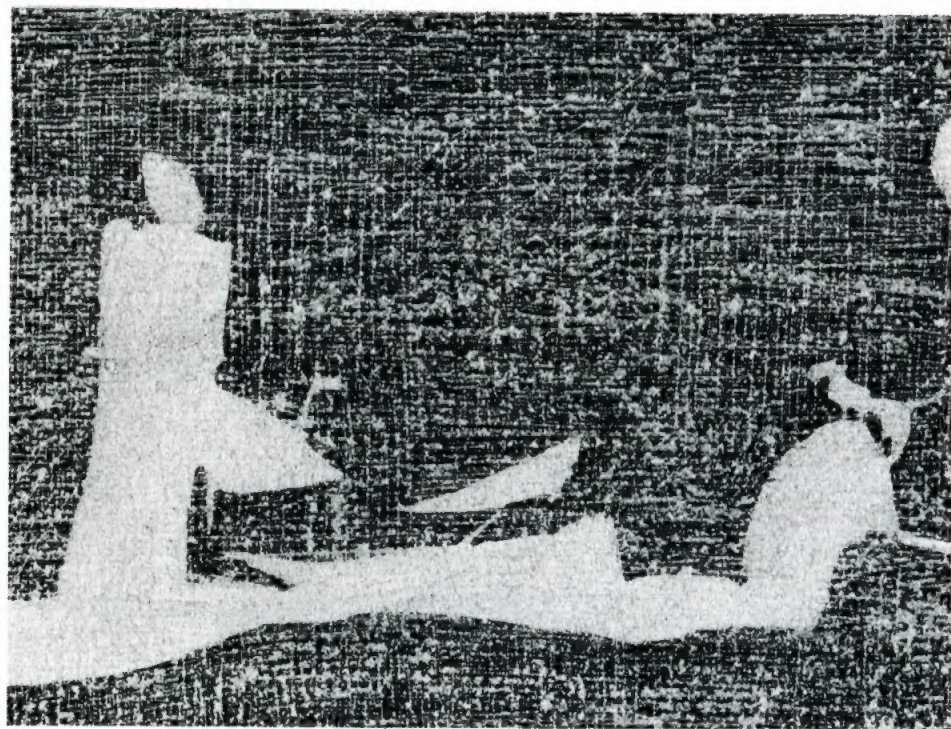
Ilustrações de
ORLANDO PAULO GONÇALVES

HIENA EDITORA

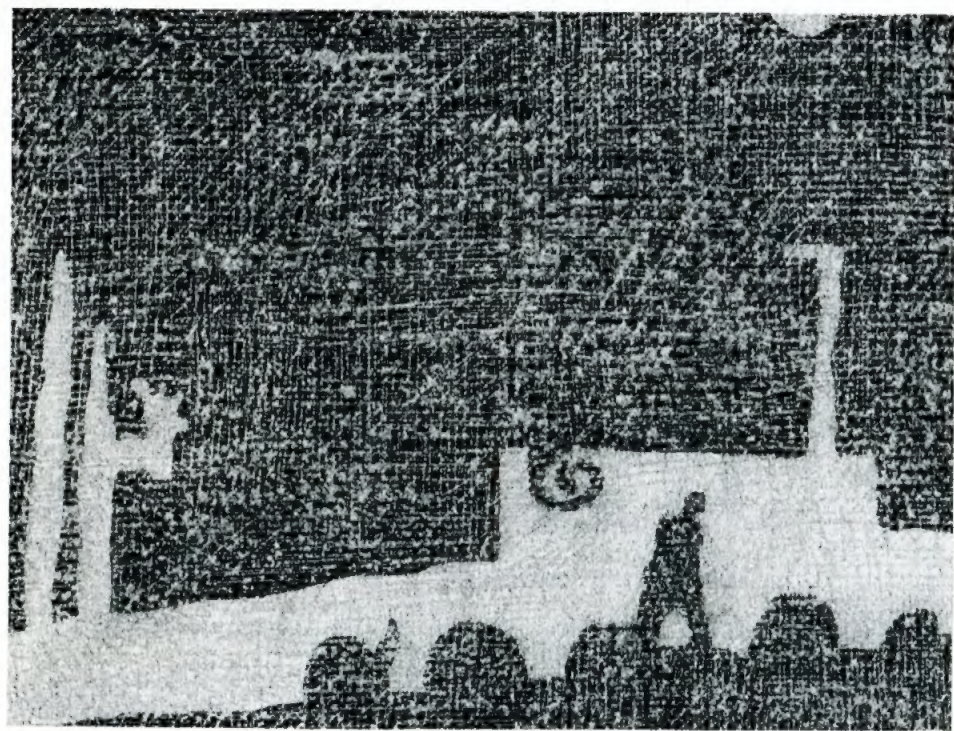
NEVROSE NOCTURNA

GOMES LEAL

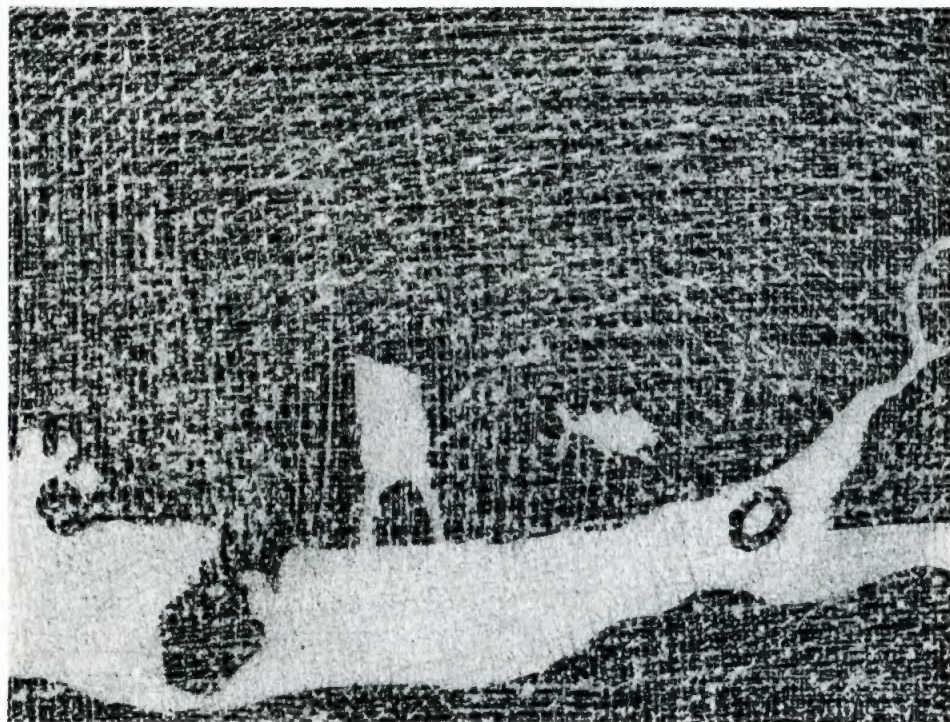
Ilustrações de
ORLANDO PAULO GONÇALVES

NEVROSE NOCTURNA

— Bela! dizia eu, como um navio à vela,
Para um país polar, por um silêncio amigo.
Bela! como uma estátua e gélida como ela.
— Bela! dizia eu, como um sepulcro antigo.

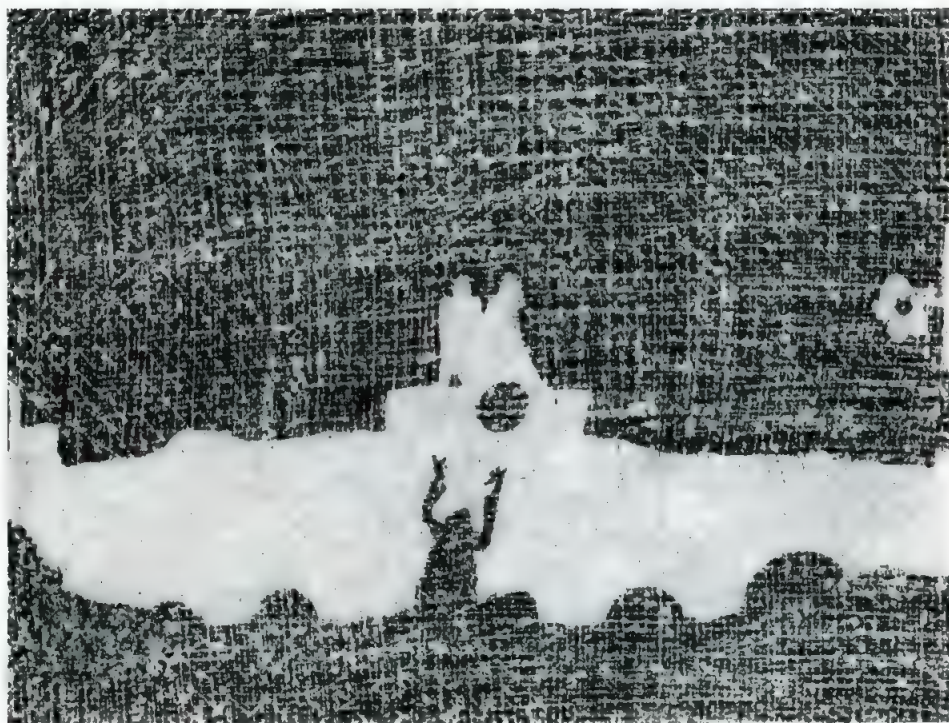
— Bela! dizia eu, ágil como um jaguar,
Assim me inspire o Fado e Satanás me deixe!
— Bela! dizia eu, fria como o luar
Sobre o dorso luzente e excepcional de um peixe.

— Bela! dizia eu, como uma mesa lauta
Para um festim pagão: a Forma, o Som e a Cor.
— Bela! dizia eu, como uma nocturna flauta
Desafiando, no mar, a ladainha-Dor.

— Bela! dizia eu, fria como o marfim.
Bela como um calado e longo cemitério,
Em que se vê vagar, como no seu jardim,
O coveiro, ao luar, vegetativo e sério.

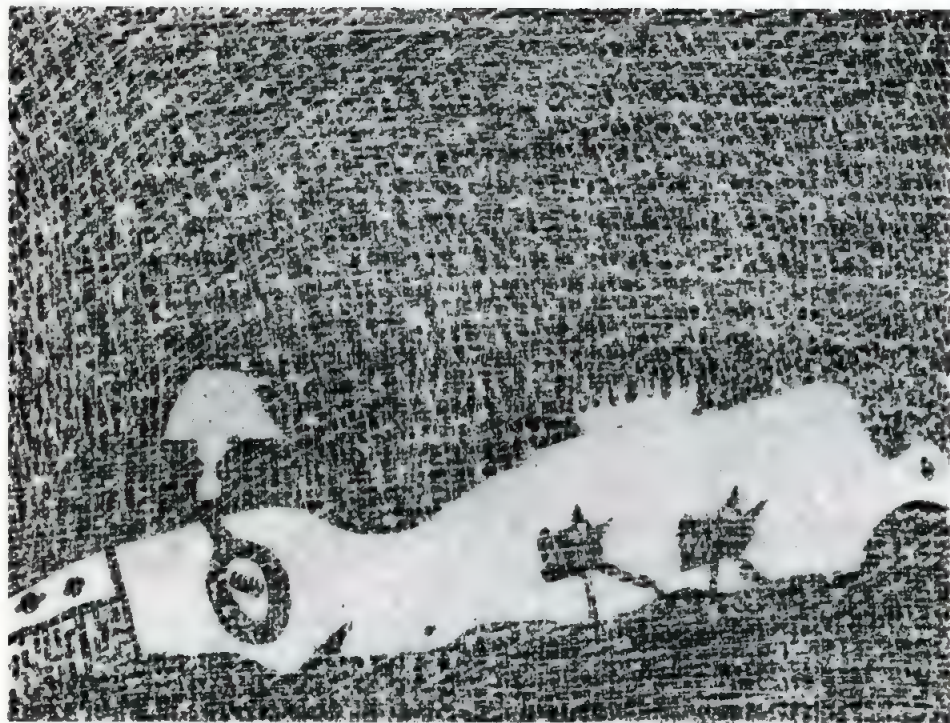
Bela! como um perdão ao pé do cadafalso,
Bela como o luzir do orvalho nas searas,
Nevada como um pé, curto, branco, descalço,
Fugitivo através das grandes ervas claras.

Bela! como o sentir as espirais do gozo
Num fundo sensual de sombras perfumadas.
Bela! como aos clarões de um céu calamitoso
As plantas tropicais, direitas como espadas.

Bela! como os portais e as torres ao abandono
Saxónias, que entreviu Ana Radcliffe.
Bela! e solene, sim, como o tranquilo sono
De um perfil virginal, na sombra de um esquife.

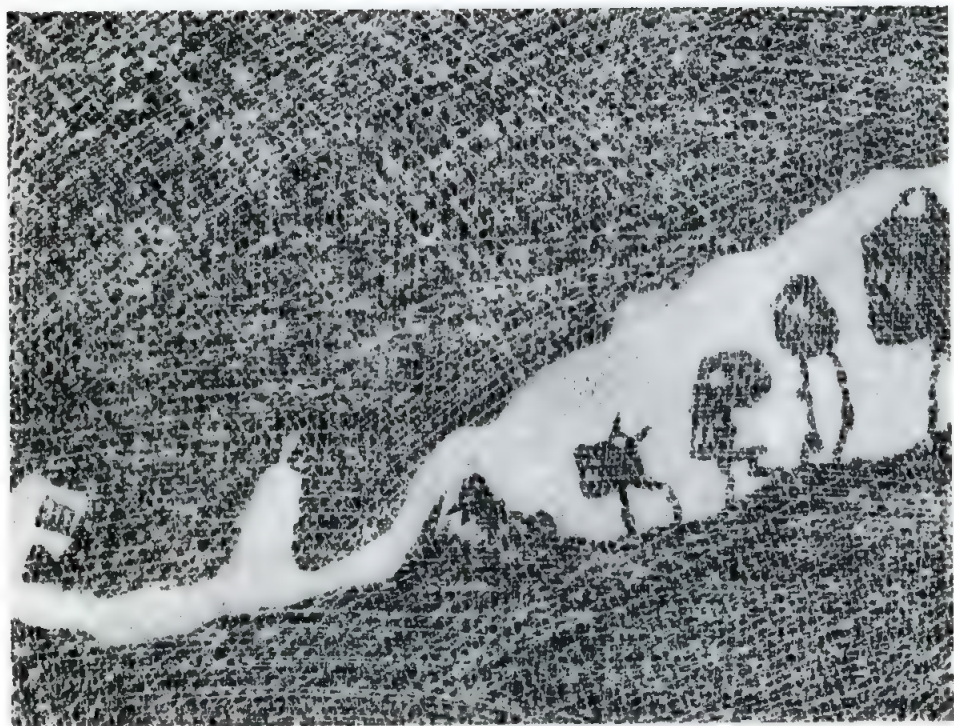
Bela! como um espelho esférico, polido,
Aonde colos nus luzem palidamente.
Bela! como o sentir a seda de um vestido
Arrastar, como arrasta a cauda da serpente.

Bela! como o sorrir vermelho de um rainúnculo.
Bela! como uma flor aquática do mar.
Bela! como na treva o brilho de um carbúnculo,
— Bela! dizia eu, como um azul polar.

Bela! como a expressão das notas de Mehul.
Bela! como uma flor num muro de cadeia.
Bela! còmo a sonhar, sobre um divã azul,
Fumando, perseguir a nebulosa Ideia.

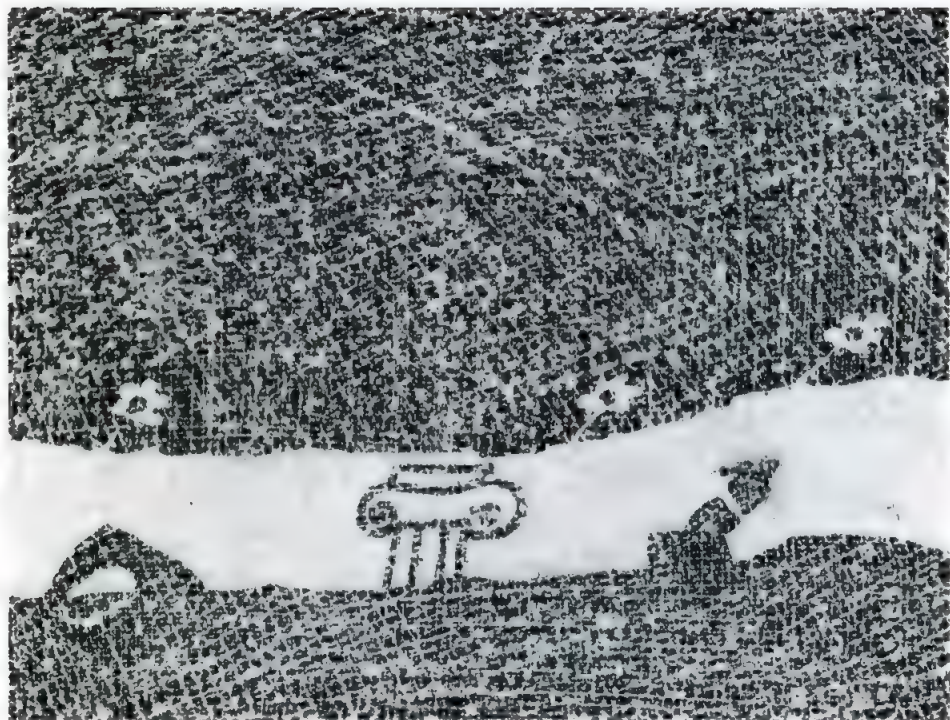
— Bela! dizia eu, como uma Feiticeira
Da Tessália, invocando a ensaguentada Lua.
Bela! como, no Outono, a luminosa esteira
Azulada e sem fim de uma comprida rua.

Bela! como arrendado e flamejante altar,
Onde se vão unir os corações dos noivos.
Bela! como o silêncio algente e tumular
Em que se escuta, ao fundo, o germinar dos goivos.

— Bela! dizia eu... Mas nisto, sobre o leito
Em que cismava assim, voltou-se, levemente,
A invencível mulher que me inflamava o peito,
E os meus olhos no quarto erraram novamente.

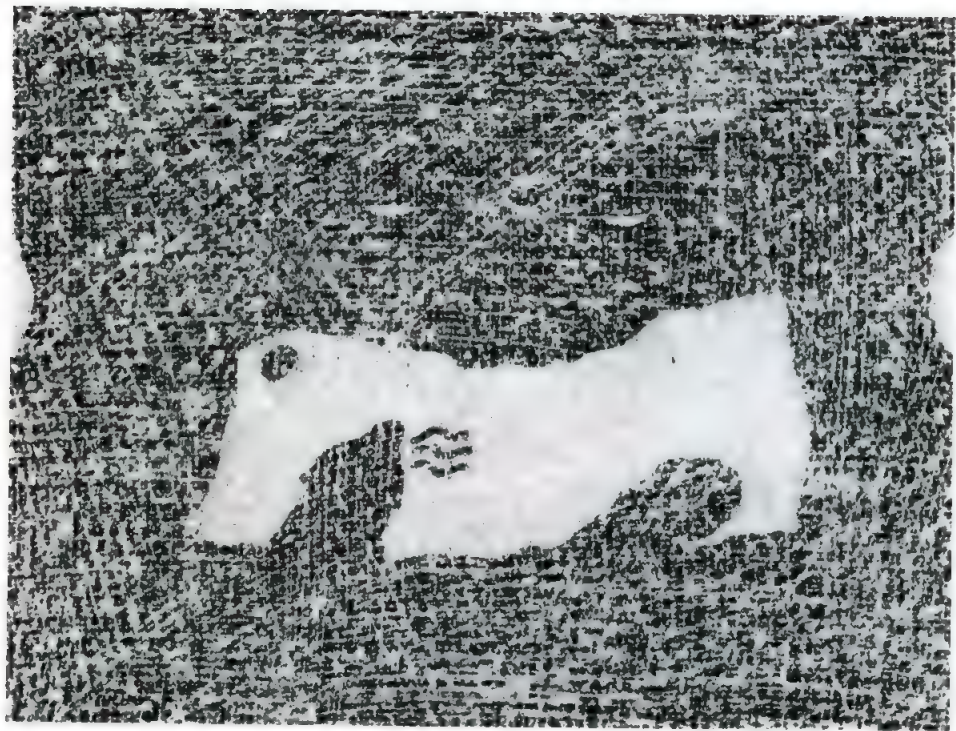
E foram-se cravar num pente de metal,
E as várias coisas mil que, ao baço candeeiro,
Vinham-se reflectir sobre um espelho oval
Destacado da cor branca do travesseiro.

E então a minha nevrose armou um largo cinto
De monstros colossais, fatídicos de ver!
À hora em que o burguês profunda o labirinto
Das mil complicações do *deve* e do *há-de haver.*

Desfilava-me em torno um batalhão medonho
De monstros anormais, de escamas reluzentes.
Tomavam Som e Cor as proporções do Sonho.
Olhavam-me animais de olhos surpreendentes.

— Bela! dizia eu, por todas as potências
Celestes, infernais, terrestres e de horror!
— Bela! concordo eu, cheia de transparências:
Mas sem um grande *quid*.... a crispação da Dor!

Sim, a Dor, sem a qual a argila humana passa
Sem um rasto deixar na vasta natureza,
A Dor, gama final da música da graça,
A Dor, último tom na escala da beleza.

A Dor, foco onde vão reencontrar-se as cores
Do vivo sol do Amor despótico e cruel.
O perfume subtil que nos completa as flores,
A voluta ideal que beija o capitel.

Por isso eu quero ver como o seu belo rosto
Se crispa à sensação estranha do meu braço.
E quero, na tenaz sinistra do Desgosto,
Fazê-la ressaltar como uma mola de aço!

Quero vê-la quebrar essa monotonia
De linhas ideais, divinas, impassíveis;
Coagi-la a sair da gélida apatia
Que é como a estagnação das Cousas Insensíveis.

Quero vê-la tremer, os lábios roxeados,
Fazendo exclamações eufónicas na sala;
E em várias gradações, seus olhos injectados
Terem a fulva cor quimérica da opala.

Quero, sim! Quero ver!... Mas nisto, rudemente,
Prostou-me o plúmbeo sono, invicto, pesado,
e a cabeça caiu-me, ah! invencivelmente
No seu negro cabelo esplêndido e azulado.

C O L E C Ç Ã O

Águas, Luas Doidas

1 — O BARCO BÊBADO
JEAN-ARTHUR RIMBAUD
Tradução de Pedro José Leal
Ilustrações de Augusto T. Dias

2 — A BARCA DA MORTE
D. H. LAWRENCE
Tradução de Rui Rosado
Ilustrações de Ângela Solla

3 — ESTOU A ESCREVER-TE DE UM PAÍS DISTANTE
HENRI MICHAUX
Tradução de Aníbal Fernandes
Ilustrações de Joaquim Bravo

4 — ARZILA: ESTAÇÃO DE ESPUMA
TAHAR BEN JELLOUN
Tradução de Al Berto
Ilustrações de Luís Manuel Gaspar

5 — NEVROSE NOCTURNA
GOMES LEAL
Ilustrações de Orlando Paulo Gonçalves